

Nuno Crato: O politicamente correcto é terrorismo intelectual

(Cristina Baptista e Margarida Maria, revista Educação – Texto Editores)

Considera-se um iluminista, acredita no progresso e na Razão. Divulgador de Ciência e professor de Matemática, Nuno Crato revê-se na intervenção que não se identifica com o "eduquês". Acaba de publicar um livro com propostas para a Educação pela exigência e rigor. Aos mais pequenos, aconselha a pôr as calculadoras de lado e fazer contas no papel.



Pontos nos ii - Continuamos analfabetos, em termos científicos?

Nuno Crato - Analfabetos é uma palavra muito forte. Continuamos a ter graves deficiências em termos de cultura científica.

Quais as referências, na Ciência, semelhantes às que são nas Humanidades Fernando Pessoa na literatura, Picasso na pintura e Mahler na música?

São muitas. Não cabem no papel desta entrevista.

Duas ou três, como a que refere no seu livro, a queda dos graves...

Einstein, Hilbert, Mandelbrot, Newton, Pascal, Lavoisier.

Teríamos de interiorizar esses conceitos, perceber o que significam. Adquirir a tal literacia que a maior parte das pessoas não tem nem acha necessária...

Isso passa-se com muita gente.

Em *The Structure of Scientific Revolutions*, Thomas S. Kuhn fala na queda dos paradigmas, havendo um que dá lugar a outro. Actualmente, no âmbito das novas tecnologias, em que revolução estamos?

Não estou de acordo com a teoria de Kuhn sobre as revoluções científicas. Acho que é idealista e ele leva-a demasiado longe, a ponto de dizer que os paradigmas não são comensuráveis. Eu acho que não. Na Ciência há progresso e não há ruptura de paradigmas no sentido de Kuhn. Quanto à situação actual, é difícil dizer. Quando se está dentro de uma revolução não se percebe muito bem o que se passa. É a resposta mais honesta que posso dar.

É como estar no meio da floresta e não ver as árvores?

É. Claro que as novas tecnologias aparecem como algo fundamental, mas custa-me a crer que a tecnologia em si mude um paradigma científico ou crie uma época científica.

Não acredita que possam dar lugar a uma revolução científica?

Custa-me a crer. A resposta que lhe posso dar é que não sei.

Há quem considere que o século XXI começou nos anos 90 do século XX, graças às novas tecnologias. Isso não é já uma revolução profunda, pelas suas implicações?

Pelo menos em termos sociais e culturais, é.

E fica por aí?

Claro que acarreta mudanças em termos científicos. Não a compreendo, estando dentro dela. A reflexão sociológica sobre a evolução da Ciência exige distanciamento de tempo e preocupação com o assunto, que eu não tenho. Não consigo generalizar. Melhor: talvez a questão mais importante seja eu não conseguir fazer generalizações vastas sobre esse tipo de questões.

Fazer Ciência custa dinheiro? Ou não se trata de uma questão financeira?

Não é essencialmente uma questão financeira, mas também o é, porque fazer Ciência custa dinheiro. Há ciências e áreas mais custosas e outras menos: um estudo de Astronomia com uso de grandes telescópios e outros instrumentos pode exigir muito dinheiro, quer na sua construção, quer no aluguer de tempo, quer ainda em porque quotizações de organizações internacionais. Fazer investigação em Física de Partículas custa muito dinheiro, exige aceleradores de partículas. Depois, há Ciência que não precisa de muito dinheiro.

Por exemplo?

A Matemática Pura em geral não custa muito dinheiro. É o trabalho e o sustento das pessoas. E o necessário para haver acesso, comunicação e integração no mundo científico, o que significa viagens, conferências...

E disponibilidade...

Claro. Mas são montantes diferentes dos mencionados quando falamos de um telescópio.

Em alguns países tem sido difícil compatibilizar o Evolucionismo com o Criacionismo, a ponto de a alusão à teoria de Darwin ter sido banida numa escola nos EUA. Como encara esta questão?

Não foi banida...

Como vê esta oposição?

Com grande preocupação. Os sentimentos religiosos não deviam interferir na Ciência. Devia-se guardar uma grande distância... Viu-se na História os grandes erros cometidos por causa dessa interferência, por as preocupações religiosas se sobreporem às questões científicas. Também julgo que o impacto desse movimento é um pouco exagerado. Só ouvimos notícias num sentido, não ouvimos no outro. Por exemplo, quando o Board of Education do Kansas (Conselho de Educação) decidiu pôr a par o Criacionismo e o Darwinismo houve muitas notícias nos jornais. Na eleição seguinte, perderam e os vencedores voltaram atrás com a decisão.

É preciso formar melhores professores, rever alguns programas e discutir as orientações ideológicas da Educação

Tratou-se de uma eleição a que nível?

Ao nível do grupo que elege aquele conselho de Educação. O *Board of Education* pode ser estatal, regional, ou de uma cidade... quando perderam as eleições, ninguém falou nisso. Perderam-nas precisamente por integrarem muita gente que se opunha ao ensino do Darwinismo.

Ao ensino do Darwinismo?

A população local votou contra os que queriam banir o Darwinismo. Isto não apareceu em nenhum jornal.

O Vaticano saiu em defesa de Darwin. Como interpreta esta posição?

O Vaticano tem séculos de experiência e já aprendeu a ser mais razoável.

É católico?

Não.

Como cientista tem algum conflito com a religião? É agnóstico?

Não tenho esse tipo de preocupações. Vejo, da parte de muitos, e gente profundamente católica, a inexistência de preocupações desse tipo. Não vejo diferença nenhuma entre a atitude deles e a minha no que respeita à Ciência.

A Ciência e a Matemática continuam a ser um grande papão, tendo em conta as taxas de insucesso dos alunos...

Continua a ser um problema, mas eu julgo que não é só o ensino da Matemática que está mal. O ensino está todo mal, só que a Matemática tem a capacidade de revelar melhor que outras disciplinas...

O seu livro, recentemente editado, *O "eduquês" em discurso directo. Uma crítica da Pedagogia Romântica e Construtivista*, é um contributo para alterar o estado de coisas?

Exactamente. Há uma série de frentes em que é preciso actuar: é preciso formar melhores professores, é preciso rever pontualmente alguns programas, é preciso melhorar os exames e instituir mais exames. Uma delas é discutir as orientações ideológicas da Educação. Há uma corrente ideológica que tem aparecido como sendo a única... ..o "eduquês", termo usado por Marçal Grilo, como refere no seu livro? Fala-se em "eduquês" para identificar essa corrente. Mas há outras. Não há unanimidade de pontos de vista entre as pessoas preocupadas com a Educação, como parece. O meu livro destina-se a levantar a polémica, a ver quais são os pontos de divergência.

Tendo em conta a sua oposição ao "eduquês", há que perguntar se essa corrente não terá alguma pertinência, já que não só é dominante, como conta com adesões de grande convicção.

Não há dúvida de que esta corrente tem uma grande influência. Mas nem sempre as ideias maioritárias estão correctas, como se sabe. As preocupações mais visíveis são perfeitamente legítimas: a necessidade de democratizar o ensino, de motivar as crianças, de formar

mentalidades críticas, de não limitar o ensino à memorização de factos... O problema é que as respostas a estas preocupações estão erradas e conduzem a resultados contrários aos propalados. Apesar de a educação ser muito discutida, as orientações pedagógicas não têm sido debatidas em profundidade e, por isso, muita gente tem medo de que a crítica à pedagogia romântica seja interpretada como uma defesa do elitismo, ou do regresso ao passado. Trata-se precisamente do contrário.

Como identificaria uma corrente e a outra, ou uma das outras, para se perceber as diferenças?

Vou explicar por que uso a palavra "eduquês". Acho que a palavra é feliz, porque é fácil, mas é infeliz, simultaneamente, por ser um pouco enganadora. Quando o "eduquês" apareceu, deu ideia de que o problema estava só na linguagem, por ser hermética. Ora, quando se avança numa disciplina, a linguagem tem de se ir tornando mais precisa. O problema é outro. Mas ficou o rótulo para esta corrente. É romântica e construtivista, baseia-se numa corrente filosófica que começa com Rousseau, vem até aos dias de hoje e é inimiga do Iluminismo e do Racionalismo. Acredita na natureza boa das pessoas, e que, motivando e criando um ambiente positivo, as coisas acontecem por si.

A iluminista é mais implacável...

É racional. É romântica, mas noutros aspectos. O Iluminismo acha que a razão vai ser o meio de chegar...

...e acredita no progresso. Estamos a falar de Thomas Hobbes e no conceito do homem predador.

Exactamente. E Rousseau não acredita nisso. Rousseau culpava a construção de cidades e de casas de vários andares pelos efeitos destrutivos do Terramoto. Dizia que, no caso do Terramoto de Lisboa, se não se tivessem feito dessas construções não teria havido tantas mortes. Bem, isso é verdade, mas sem cidades e construções ainda estaríamos na Idade da Pedra, ou quase... Enquanto as pessoas que acreditam no progresso responderam ao Terramoto dizendo que era preciso encontrar outros tipos de construção mais sólidas, Rousseau queria voltar atrás no tempo.

Que é contra o "eduquês" já percebemos. Deve haver uma corrente que se perfila para fazer frente ao "eduquês". Qual é? Se é que tem nome?

Eu chamo-lhe equilíbrio pedagógico.

E assenta em quê?

A Psicologia e as Ciências da Educação em geral têm produzido argumentos e estudos a favor de um equilíbrio pedagógico. Ou seja, da utilização de métodos diferentes, apropriados ao longo do tempo, ou complementares. Aquilo a que a Prof. Ana Maria Morais chama "pedagogias mistas". O romantismo pedagógico é a favor de uma única maneira de fazer as coisas. Que motivando eles chegam lá. Nós achamos que não. Que é preciso motivar, aprender e ensinar. É preciso haver , esforço, memorização, exames. E a motivação também resulta da educação. Enquanto a corrente romântica vê a motivação como base para a aprendizagem, nós dizemos que os alunos devem aprender e que isso também os motiva.

Concorda com a ideia de a democratização do acesso à educação ter como consequência o nivelamento por baixo?

Não estou de acordo.

Os resultados, na maioria dos países da Europa, apontam para isso...

Os resultados pioraram por várias razões. A democratização pode redundar no abaixamento do nível de ensino momentâneo, mas não ser responsável por efeitos ao longo de 30 anos. E houve países que fizeram uma democratização tão rápida ou mais do que a nossa, com muito melhores resultados, como a Espanha. Não tem comparação nenhuma connosco! Espanha, no princípio do século XX, era tão atrasada culturalmente como Portugal e hoje é um país de vanguarda da Europa. Portanto, a democratização não é responsável pelo atraso do ensino. Mais: eu acho que esse é um argumento brandido para colocar as pessoas que são a favor da exigência contra a democratização. Não é verdade! As pessoas a favor desse rigor são por uma democratização exigente.

Qual é então o responsável pela falta de resultados?

São muitos os culpados. Muitíssimas coisas correram mal.

Está a referir-se às políticas?

Políticas, orientações ideológicas, descoordenação, muitas coisas. Falta de recursos, também. Mas, sobretudo, falta de exigência na formação de professores. É escandaloso: a entrada na profissão para o Estado, o grande empregador de professores, faz-se exclusivamente com a

nota final de curso. Portanto, um aluno que esteja numa escola pouco exigente e saia de lá com 18 passa à frente de outro que esteja numa escola muito exigente, e que saia de lá com 17, quando este pode estar muitíssimo mais bem preparado. Toda a gente conhece escolas exigentes e outras completamente laxistas. Isto é dizer às escolas que dêem melhores notas, mesmo que os alunos não saibam, e aos alunos que se inscrevam nas piores escolas, porque delas saem com melhores notas. E aí entramos no ensino. Acha que o ensino pode progredir enquanto isto não for alterado? Eu acho que não. Como se altera? Faça-se um exame para a entrada na profissão dos professores. Mas há outras maneiras.

Quais?

Estágios acompanhados. Com rigor, com "juízes de fora" que, não estando a acompanhar o estágio, possam ver como é que a pessoa progride. Sei lá! Há muitas maneiras de melhorar a formação de professores em conteúdos curriculares.

Qual será a utilidade da instalação de um pólo do MIT em Portugal?

Não sei exactamente. Mas o contacto com as boas universidades americanas é sempre proveitoso para os alunos.

Se for um contacto pontual, de alunos especialmente dotados, que vão estudar para fora...

Isso já existe. Se o contacto for mais alargado, a influência é mais alargada. Insisto: o contacto com as boas universidades americanas só pode ser benéfico, porque traz outra maneira de ver as coisas.

Por exemplo?

Abertura, mobilidade, seriedade...

Abertura perante o quê?

Em relação à contratação. As universidades americanas estão interessadas em contratar os melhores. Sejam de que país forem.

Os melhores professores? E também escolhem os alunos...

Os melhores professores. E também escolhem os alunos. Têm uma abertura que não existe nas universidades europeias, nem vai existir com Bolonha. Eu acho que Bolonha vai ser uma

ilusão.

Porquê?

O que nós precisamos é de concorrência entre as universidades. Contacto e intercâmbio entre as universidades, motivadas pelo seu próprio interesse e a partir de baixo. Bolonha pretende fazer uma homogeneização a partir de cima.

Tem uma coluna no *Expresso* sobre Ciência. Considera-se um divulgador ou reivindica uma postura mais interventiva?

Cada vez que falo sobre Ciência, arranjo dez amigos; cada vez que falo sobre Educação, arranjo cem inimigos.

A posição de divulgador é muito confortável. É mais simpática...

Mas há alturas em que as pessoas têm de dizer o que pensam.

Como avalia o contributo de Carl Sagan? Alguém deu continuidade ao seu trabalho, seguindo o seu legado?

É muito difícil ser um grande cientista e ao mesmo tempo um grande divulgador, como ele. Aliou a capacidade de comunicação a um conhecimento extraordinário. Teve também sorte ao casar com uma senhora que o ajudou muito. Contou com uma equipa de televisão muito boa. Conjugaram-se muitos factores que fizeram dele um extraordinário divulgador, talvez o maior ou um dos maiores do século XX. Depois dele, há muita gente a fazer divulgação, mas não com o mesmo realce. Sagan abriu caminho, mostrou como as coisas podiam ser feitas. E o mundo ficou diferente.

Pode citar nomes?

Noutras áreas, por exemplo, a Matemática, Ian Stewart, um inglês. Outro inglês, Richard Dawkins, biólogo.

Tendo ao seu dispor um meio como a televisão?

Nunca os vi na televisão, mas escrevem. Sobretudo nos jornais e publicam livros. Há muita gente que faz isso, sobretudo no mundo anglo-saxónico, com elevadíssima qualidade e

praticamente em todas as áreas. Em Psicologia, Steven Pinker, um autor que toda a gente devia ler, um grande investigador de Psicologia que tem muito a dizer sobre Educação.

A queda das fronteiras entre Humanidades e Ciências é uma questão com consistência ou uma moda?

Há um problema real de fractura entre as Humanidades e as Ciências, que ninguém gosta que exista. Também acho que não devia existir. Mas isso não quer dizer que uma coisa se resume à outra. Gosto muito de Humanidades e gosto muito de Ciências, mas acho que são diferentes, e cada uma tem o seu terreno. Na Ciência é necessário um grande respeito pelos factos e nas Humanidades é necessária uma grande actividade criativa, duas coisas que não estão em oposição, mas predominam num caso de uma maneira e no outro doutra.

Qual é o seu herói?

Não tenho... Mas Einstein é um dos meus heróis.

O que espera da publicação do seu livro?

Que as pessoas discutam. Conversem sobre o problema e percebam que há várias maneiras de ver as coisas. Abrimos os jornais, vamos a conferências e parece que toda a gente pensa da mesma maneira. Não é verdade.

Parece-lhe importante, por esta via, chegar a algum sítio?

Melhorar a Educação, isso é que é importante. Mas para isso, é preciso percebermos que existe uma ideologia que tem dominado as políticas de educação em Portugal, a romântica, e que precisa de ser enfrentada.

Tem um objectivo pessoal com este livro?

Nenhum. Se quiser, explico-lhe como fiz este livro. A Sociedade Portuguesa de Matemática organizou um encontro em que se discutiram problemas de Educação, com vários contributos. Coube-me explicar o que tinha sido dito sobre Educação pelos responsáveis. Comecei a ler toda a gente. A minha contribuição nesse encontro foi tentar explicar as questões essenciais a partir do que eles diziam. Comecei a perceber que, por trás de coisas que pareciam quase anedóticas - como a de uma senhora, presidente do Conselho Nacional de Educação (CNE), que dizia que a Educação em Portugal estava muito boa -, havia uma ideologia com alguma consistência (trata-se de Maria Teresa Ambrósio, numa publicação de 1999, "Educação para o

Desenvolvimento"). Às vezes diz-se: "O educar é falar barato". Não é só falar barato, há consistência. Mesmo pessoas que não são "educadas" produzem afirmações que só se podem explicar por estarem mergulhadas neste meio. Comecei a perceber que havia um corpo de ideias coerente por trás do que diziam.

Porém não voluntário?

Em muitos casos não é voluntário. É inconsciente. Digo às vezes às pessoas: "Mas isso que estás a dizer, significa que estás de acordo com isto". E a pessoa responde que não está. Então eu explico quais são as posições que existem sobre o problema, ao longo da História. E a pessoa responde-me: "Bem, de facto, eu estava a pensar como aquele, mas não é como aquele que eu penso, é como o outro". Por exemplo, alguém diz que os alunos devem ser motivados para a Matemática. E vai um bocadinho mais longe e diz: "O essencial é motivá-los para a Matemática". Isso tem como consequência que não vou ensinar Matemática, só vou ensinar aquilo que os motiva. O outro responde: "Não é isso que eu queria dizer". "Mas foi isso que disseste! - respondo. Só vais ensinar o que os motiva, o resto vem por acréscimo". É quase socrático. E é esta reflexão que é muito difícil de fazer, porque há dois campos, ou mais. Mas há um que domina e acha que tudo aquilo que o ponha em causa equivale a querer regressar ao 24 de Abril. E impede que se questionem as coisas.

É um conceito do politicamente correcto que tem imposto essa visão?
É o politicamente correcto que se tem imposto. Isto é terrorismo intelectual. Porque ninguém quer regressar ao 24 de Abril. Eu não quero! E duvido que alguém queira. Quando se diz que alguém tomar uma atitude é contra a democratização, as pessoas encolhem-se, porque têm medo...